

Ataque especulativo é só hipótese

Economista vê coerência na política de desvalorização gradual

10 SET 1997

Katia Luane
do Rio

Economistas estrangeiros não descartam a possibilidade de o Brasil sofrer ataque especulativo semelhante ao do sudeste asiático e, mais recentemente, ao da Colômbia. O professor de Economia da Universidade de Hohenheim (Alemanha) Hans Michel Trautwein lembra que o déficit comercial, um dos problemas brasileiros – que também existe na Ásia –, funciona justamente como instrumento especulativo.

O professor destacou, no entanto, que esse movimento ocorreu primeiro na Ásia em função de sua fragilidade. “Não falem que estou prevendo isso para o Brasil, mas não afasto a hipótese. Não é bom ficar falando, senão acaba acontecendo”, enfatizou.

Trautwein e o diretor do Banco Europeu para Reconstrução e Desenvolvimento, Chistof Ruhl, participaram, ontem, do seminário “A Globalização no Mercado Financeiro e o Impacto nas Economias em Desenvolvimento”, promovido

pela Associação Nacional das Instituições do Mercado Aberto (Andima). Ambos concordam que tanto o real quanto o peso argentino estão valorizados. No entanto, reconhecem que os dois países têm apresentado muitas resistências.

“Há um ano que se fala que as duas moedas estão valorizadas entre 10% e 20%. Ainda assim, os dois mercados não sofreram ataques especulativos. Isso é surpreendente. Não tem explicação”, assinalou Ruhl. Para ele, porém, a política adotada pelo Brasil, de desvalorização gradual da moeda, é coerente. “Se houver desvalorização de curto prazo, poderá ser acentuada e levar ao ataque especulativo”. Ele alertou que uma forte desvalorização no curto espaço só seria bem sucedida se o País tivesse força suficiente para agüentar um eventual ataque especulativo.

Ruhl destacou, contudo, que a desvalorização gradual do real deve ser acompanhada pelo aumento de produtividade no País. “Se o Brasil conseguir essa interação, estará num caminho viável”, ponde-

rou. E este movimento gradual, completou Trautwein, tem amenizado os efeitos da sobrevalorização da moeda, como o desemprego. “O problema é saber por quanto tempo essa sobrevalorização será tolerada politicamente no Brasil”, argumentou o economista.

Preocupado com a repercussão de suas declarações, Ruhl amenizou suas considerações sobre a política monetária do Brasil. Inicialmente, o economista havia atribuído o problema na Ásia ao grande fluxo de capital estrangeiro que ingressou naquele mercado. Lembrado por jornalistas de que a economia brasileira também tem recebido forte injeção de recursos externos, o economista, começou, então, a assinalar as diferenças entre os países. “Pela experiência que tenho na Europa, acho mais prudente para a América Latina manter uma política de longo prazo.” Ao final da entrevista, tanto Chistof Ruhl quanto Hans-Michel Trautwein disseram ainda não ter feito qualquer análise sobre a crise na Colômbia.